

Recentemente, uma matéria¹ publicada na Sumaúma chamou a atenção do Brasil e do mundo. Nela há imagens que geram revolta e mostram como a aliança entre Bolsonaro e militares, garimpeiros e setores conservadores do neopentecotalismo brasileiro levaram ao genocídio do povo Yanomami. A desnutrição e o acometimento de doenças tratáveis, como diarreia, malária e verminoses, aparecem como causa do sofrimento e da morte de crianças, jovens e idosos desse povo. Esse cenário foi uma opção deliberada do Estado brasileiro que, sob o comando de Bolsonaro, assumiu um projeto racista e fascista de ataque às populações originárias, tornando-se, assim, autor e cúmplice da violência e massacre desses grupos. Os jornalistas da Sumaúma apontam que, nesse contexto, os Yanomamis, que não têm o costume de tirar fotos, pedem que seus retratos sejam divulgados. É também nesse contexto que organizações Yanomamis escrevem diversos relatórios denunciando a situação em que vivem. O portal The Intercept Brasil² revela que, até o mês de agosto do ano passado (2022), mais de 21 pedidos de ajuda formal ao povo Yanomami foram ignorados pelo governo de outrora. Uma das primeiras medidas da gestão do presidente recém-empossado Luís Inácio Lula da Silva foi a instauração de um conjunto de iniciativas, em diversos âmbitos, para fins de proteção imediata da população e do território Yanomami.

Abrimos este editorial com a inevitável alusão à violência que estrutura o pacto social em países marcados por processos de colonização e escravização de seus povos originários e de comunidades tradicionais. Os artigos que compõem a Seção Temática desta edição, intitulada “Juventudes indígenas e negras na América Latina: construção de formas de viver a partir dos campos da educação e do trabalho”, em diferentes camadas de abordagem e reflexão, dialogam com os processos de violência histórica e racismo estrutural cotidianamente atualizados nas sociedades latino-americanas. Se os povos originários sofreram genocídio quando da colonização, esta violência subsiste diante da colonialidade do poder e das disputas do capital transnacional e seu rastro explorador e genocida.

De maneira semelhante, o que pode ser verificado é que às juventudes indígenas e negras também foram e ainda são negados os direitos básicos, dentre os quais a educação e trabalho despontam como dimensões fundamentais. Se a opressão e a violência por parte do Estado brasileiro se atualizam e ganham novos contornos, a resistência e a luta pela vida, de Yanomamis, de todos os povos originários no Brasil e na América Latina, de jovens indígenas e negros, também se reinventam. Como é apontado no título da Edição Temática, os artigos nos mostram as formas de viver desses setores da população, assim como as maneiras (desiguais e heterogêneas) em que se articulam suas trajetórias de vida com o acesso à educação e a participação no mercado laboral. Convidamos a ler e a reconhecer nestas experiências a coexistência de práticas coloniais, racistas e excludentes, junto com outras, dinâmicas e criativas, lideradas por jovens indígenas e negros da nossa região.

1 Reportagem disponível em: <<https://sumauma.com/nao-estamos-conseguindo-contar-os-corpos/>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

2 Reportagem disponível em: <<https://theintercept.com/2022/08/17/governo-bolsonaro-ignorou-21-oficios-com-pedidos-de-ajuda-dos-yanomami/>>. Acesso em: 27 jan. 2023.

A presente Edição Temática contém dez artigos que reúnem experiências de pesquisa individuais e coletivas no campo da educação e o trabalho entre jovens indígenas e afro-latinos, apresentando dados quantitativos sobre as trajetórias escolares, os efeitos da pandemia de covid-19, as posições críticas frente ao racismo e ao colonialismo, a migração, as experiências das mulheres jovens e os debates ao redor das políticas públicas e a inclusão.

Alguns artigos discutem as experiências de resistência de juventudes negras e indígenas no contexto escolar. Em “Disparadas juvenis: a experiência cearense da Escola Alan Pinho Tabosa com juventude negra, pobre, escolarizada e comprometida”, Talita Feitosa de Moisés Queiroz e Verônica Salgueiro do Nascimento discutem a proposta pedagógica e as estratégias formativas de uma escola originada a partir de um movimento social de base comunitária, composto por estudantes de uma universidade pública. A partir das percepções de estudantes, docentes e egressos da escola, o artigo identifica e discute o papel e a potencialidade da relação da Universidade com a escola na construção de propostas educativas que visem a transformação de sujeitos e seus contextos.

Contribuindo para repensar o papel da escola na luta antirracista, o artigo “A urgência do letramento racial e do antirracismo na educação brasileira, de Júlia Oliveira Moraes discute como o racismo estrutura desde as políticas educacionais mais amplas até as práticas cotidianas na escola e nas salas de aula, demonstrando que os conflitos étnicos que atravessam a sociedade são os mesmos que sustentam as relações e posturas racistas e discriminatórias que se concretizam nos espaços escolares. A autora defende, por fim, a urgência do letramento racial como estratégia de enfrentamento ao racismo.

Prosseguindo este debate, no artigo “Juventudes negras de escolas públicas de periferias de Fortaleza: narrativas e re-existência frente ao racismo”, do coletivo de pesquisadores e pesquisadoras vinculados/as à Universidade Federal do Ceará, podemos acompanhar processos de resistência engendrados por estudantes de escolas públicas da periferia de Fortaleza. Expressões artísticas e alianças entre corpos negros e periféricos foram os principais vetores de enfrentamento aos efeitos psicossociais do racismo, sendo este uma dimensão de desigualdade que estrutura a sociedade brasileira e se presentifica em instituições sociais como a escola.

Já no texto “La Escuela Karaí Nhe’ë Katu como productora de sentidos para los jóvenes Mbya Guarani, desde las voces del cacique y algunos profesores”, de María Rosa Wetzel, a autora discute a experiência etnográfica na escola da Aldeia Tekoa Nhundy, povoada pelos Mbya Guarani, no Município de Viamão del Estado de Rio Grande do Sul. O texto aborda a construção de uma escola pública, indígena e pautada pelo interculturalismo. Especial atenção é dada a relação da direção não-indígena com os docentes indígenas e as possibilidades de construção e transmissão de conhecimento a partir da cosmovisão dos Mbya Guarani.

Outros textos abordam as políticas de exclusão e de inclusão da juventude negra e indígena no ensino superior. Em “Jóvenes indígenas y educación superior en Querétaro: claves para la inclusión educativa”, José Concepción Valverde realiza entrevistas em profundidade com jovens indígenas ñãhño do município de Tolimán que persistiram na educação após o ensino médio, a fim de verificar quais são as dificuldades encontradas para acesso e permanência neste nível de ensino e as estratégias usadas para as contornar. O autor conclama o Estado mexicano e as universidades de seu país a construírem políticas públicas que auxiliem os jovens indígenas ao acesso e frequência à universidade, de modo a garantir a permanência e formação no ensino superior.

O artigo “Ocupação decolonial por estudantes indígenas e quilombolas nas ações afirmativas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/Ceara”, de Antonio Ailton de Sousa Lima, Francisco Gleidison Lima, Gabriela Silvestre de Castro, Merremii Karão Jaquaribaras, Davi Jerry Alves Melo, José Freires Nascimento Neto, Ana Maria Eugenio da Silva, Francisca Marleide Nascimento, Lauriane da Castro Nascimento, James Ferreira Moura Júnior.,

cuja autoria é composta, também, por estudantes indígenas e quilombolas, assume a perspectiva decolonial para uma formulação crítica do epistemicídio e do eurocentrismo dominantes nas universidades. O artigo discute, em específico, as políticas de ações afirmativas e seu papel na inserção de grupos diversos na universidade, analisa as trajetórias e experiências de estudantes de graduação indígenas e quilombolas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), discutindo como suas trajetórias promovem a “verdadeira” ocupação da universidade, contribuindo, assim, para o processo de descolonização da instituição e de suas práticas.

A Seção Temática apresentada nesta edição ainda conta com artigos que discutem as expectativas laborais, discriminações raciais e de gênero das juventudes negras e indígenas. Os autores Miguel de Sousa Lacerda Neto, Sérgio Dias Guimarães Junior e Bruno Alves de França utilizam experiências na Organização Não Governamental Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) para refletir sobre a experiência de educação e trabalho de jovens negros e periféricos durante a crise gerada pela covid-19 “Quando uma ideia nos toma o mundo: reflexões sobre juventude, raça e trabalho no Brasil pandêmico”. A experiência na ONG mostra como jovens negros e periféricos encontram dificuldade em encontrar emprego e como devem “se virar” para conseguir ter renda para auxiliar na economia de seus lares. Na falta de políticas públicas por parte do Estado, que à época estava sitiado pela máquina de morte bolsonarista, os autores apontam que atuação da ONG foi fundamental.

O artigo “La migración como expectativa laboral de la juventud afromexicana de la Costa Chica Oaxaqueña”, de autoria das pesquisadoras Alejandra López e Belem Díaz, ambas vinculadas a instituições de investigação no México, aborda a expectativa de trabalho para jovens afro-mexicanos da Costa Chica, México. Desigualdade, racismo e racialização configuram processos psicossociais que mobilizam jovens homens e mulheres para buscar, através da migração, melhores oportunidades de vida para si, seus familiares e amigos. O sucesso migratório é um importante legado geracional capaz de alterar significativamente a trajetória de vida da juventude afromexicana.

Na perspectiva dos estudos intergeracionais, o artigo “Educación, trabajo y maternidad entre mujeres wichi” problematiza a tríade escolaridade, trabalho e maternidade entre um grupo de mulheres Wichi. Macarena Ossola, Noelia Di Pietro e Gonzalo Soriano, investigadores vinculados à Universidad Nacional de Salta, Argentina, abordam as mudanças e continuidades nas possibilidades de inclusão escolar, inserção laboral e exercício da maternidade considerando a diferença de idade entre as mulheres participantes da pesquisa. As trajetórias escolares compõem o principal vetor analítico para o entendimento dos vínculos entre grupos sociais, geracionais e os cenários sociais.

Ainda na discussão sobre as questões de gênero, em “Juventudes indígenas y trabajo: entre intercambios comunitarios y de discriminación racial en las urbes”, Annaliese Hurtado Guzmán realiza uma etnografia com jovens mulheres triqui da localidade periférica de Candelaria de los Patos na Cidade do México. Para garantir a sua subsistência material e simbólica, os triqui se organizam de forma a transmitir o seu trabalho a nível familiar. As jovens mulheres, foco do trabalho de Guzmán, aprendem a costurar roupas e a cozinhar comidas típicas que são vendidas nas praças públicas, chamadas de tianquis. O texto nos fala das dificuldades para esta venda, uma vez que órgãos de segurança pública frequentemente expulsam as jovens indígenas das ruas. Vê-se como a forma de subsistência dos triqui se confronta com o ordenamento urbano pensado a partir da acumulação capitalista, criminalizando as formas de trabalhar destas jovens e ensejando maiores dificuldades em suas vidas.

A Seção Livre desta edição conta com quatro artigos. O texto “A contribuição do trabalho das crianças para a economia de Catingueira – PB” de Antonio Luiz da Silva, Flávia Ferreira Pires e Herculano Ricardo Campos é resultado de uma etnografia e demonstra como os pequenos trabalhos realizados pelas crianças, como ir a escola ou efetuar pequenas tarefas domésticas de forma a auxiliar os pais, têm papel importante para a economia local.

Em “Como as crianças avaliam as suas vidas? Um estudo sobre o bem-estar subjetivo”, Paulo Delgado e João Carvalho usam de um instrumento de caráter qualitativo para avaliar o bem-estar de crianças. No artigo, os autores centram sua argumentação sobre a opinião das crianças acerca da escola, sua condição econômica, a vida em seu país e seus direitos. Os dados demonstram que há uma relação de confiança com os professores, preocupação com a condição econômica dos pais e desconhecimento sobre a Convenção Internacional dos Direitos das Crianças.

No artigo “Infâncias violadas e as vulnerabilidades na violência sexual infantil: uma revisão integrativa”, Renata Cristina Alves da Rocha, Caroline Filla Rosaneli, Eliane Freire Rodrigues de Souza De Carli e Mário Antonio Sanches realizam uma revisão bibliográfica de forma a traçar o perfil de crianças que sofreram violência sexual. Expediente semelhante também é realizado no artigo “Protagonismo feminino no ato infracional: o perfil das adolescentes em uma unidade de medidas socioeducativas de Joinville/SC”, de Silvana Rocha Walz e Luciana Caroline Gerent. As autoras usam de análise dos prontuários de jovens que cumprem medidas socioeducativas no referido município. As duas pesquisas objetivam traçar o perfil de crianças e adolescentes de modo a verificar fatores de risco e proteção que podem auxiliar na produção de políticas públicas de caráter protetivo e preventivo.

A seção Espaço Aberto traz a fala do sociólogo equatoriano Carlos Rene Unda Lara em mesa redonda, mediada por Carla Daniela Rosales, em evento x Escuela de Infancias y Juventudes organizada pela CLACSO/Red INJU. Ela aborda o crescimento de movimentos políticos de extrema direita, sua influência sobre organizações juvenis e seus eventuais desdobramentos no que compete ao futuro da democracia global.

Por fim, a edição 34 da DESIDADES conta com duas resenhas. A primeira delas produzida por Andrea Szulc e Pía Leavy e intitulada “Deconstruir la mirada médica sobre la infancia y su salud” sobre o livro “La crianza en disputa. Medicalización del cuidado infantil en la Argentina entre 1890”, de María Adelaida Colangelo. Já a segunda tem como título “Que as palavras de crianças nos acertem: entre curas, memórias, revoltas, denúncias e lutos”, realizada por Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa sobre o livro “Infância em territórios de (in)segurança: narrativas compartilhadas com crianças”, organizado por Luciana Martins Quixadá e Jaileila de Araújo Menezes.

Findamos a presente edição com o levantamento bibliográfico que identificou 18 obras publicadas de cunho científico sobre infância, adolescência e juventude no período de agosto a dezembro de 2022, cujas informações puderam ser obtidas nos sites de suas respectivas editoras.

Por aqui seguimos numa alegre esperança de justiça social para todas as crianças e jovens das florestas, das comunidades tradicionais, de nossas periferias e do mundo. Reflorestar territórios existenciais é verbo de urgência.

Convidamos a todos e todas à leitura dos potentes artigos desta edição.

Felipe Salvador Grisolia

Jaileila de Araújo Menezes

Maria Macarena Ossola

Lúcia Isabel da Conceição Silva

editorial

Recientemente, una nota¹ publicada en Sumaúma llamó la atención de Brasil y del mundo. En ella hay imágenes que generan revuelta y muestran cómo la alianza entre Bolsonaro y los militares, mineros y sectores conservadores del neopentecostalismo brasileño llevaron al genocidio del pueblo Yanomami. La desnutrición y el acometimiento de enfermedades tratables, como diarrea, malaria y parasitosis, aparecen como causa de sufrimiento y muerte de niños, jóvenes y ancianos de este pueblo. Este escenario fue una opción deliberada del Estado brasileño que, bajo el comando de Bolsonaro, asumió un proyecto racista y fascista de ataque a los pueblos originarios, tornándose, así, autor y cómplice de la violencia y masacre de estos grupos. Los periodistas de Sumaúma señalan que, en este contexto, los Yanomamis, que no tienen la costumbre de sacar fotos, piden que sus retratos sean divulgados. Es también en este contexto que organizaciones Yanomamis escriben diversos informes denunciando la situación en que viven. El portal The Intercept Brasil² revela que, al mes de agosto del año pasado (2022), más de 21 pedidos de ayuda formal al pueblo Yanomami fueron ignorados por el gobierno de otrora. Una de las primeras medidas de la gestión del presidente recientemente investido Luis Inácio Lula da Silva fue la instalación de un conjunto de iniciativas, en diversos ámbitos, para fines de protección inmediata de la población y del territorio Yanomami.

Abrimos este editorial con la inevitable alusión a la violencia que estructura el pacto social en países marcados por procesos de colonización y esclavización de sus pueblos originarios y de las comunidades tradicionales. Los artículos que componen la Sección Temática de esta edición, titulada “Juventudes indígenas y Negras en América Latina: construcción de formas de vivir a partir de los campos de la educación y del trabajo”, en diferentes capas de abordaje y reflexión, dialogan con los procesos de violencia histórica y racismo estructural cotidianamente actualizados en las sociedades latinoamericanas. Si los pueblos originarios sufrieron genocidio durante la colonización, esta violencia subsiste delante del colonialismo del poder y de las disputas del capital transnacional y su rastro explotador y genocida.

De forma semejante, lo que puede ser verificado es que a las juventudes indígenas y negras también les fueron y aún son negados los derechos básicos, entre los cuales la educación y el trabajo aparecen como dimensiones fundamentales. Si la opresión y la violencia por parte del Estado brasileño se actualizan y ganan nuevos contornos, la resistencia y la lucha por la vida, de los Yanomamis y de todos los pueblos originarios en Brasil y en América Latina, de jóvenes indígenas y negros, también se reinventan. Como se señala en el título de la Edición Temática, los artículos nos muestran las formas de vivir de estos sectores de la población, así como las maneras (desiguales y heterogéneas) en que se articulan sus trayectorias de vida con el acceso a la educación y a la participación en el mercado laboral. Invitamos a leer y a reconocer en estas experiencias la coexistencia de prácticas coloniales, racistas y excluyentes, junto a otras, dinámicas y creativas, lideradas por jóvenes indígenas de nuestra región.

1 Reportaje disponible en: <<https://sumauma.com/nao-estamos-conseguindo-contar-os-corpos/>>. Visitado el 27 jan. 2023.

2 Reportaje disponible en: <<https://theintercept.com/2022/08/17/governo-bolsonaro-ignorou-21-oficios-com-pedidos-de-ajuda-dos-yanomami/>>. Visitado el 27 jan. 2023.

La presente Edición Temática contiene diez artículos que reúnen experiencias de investigación individuales y colectivas en el campo de la educación y el trabajo entre jóvenes indígenas y afro-latinos, presentando datos cuantitativos sobre las trayectorias escolares, los efectos de la pandemia del COVID-19, las posiciones críticas frente al racismo y al colonialismo, la migración, las experiencias de las mujeres jóvenes y los debates alrededor de las políticas públicas y la inclusión.

Algunos artículos discuten las experiencias de resistencia de juventudes negras e indígenas en el contexto escolar. En “Disparadas juvenis: a experiência cearense da Escola Alan Pinho Tabosa com juventude negra, pobre, escolarizada e comprometida”, Talita Feitosa de Moisés Queiroz y Verônica Salgueiro do Nascimento discuten la propuesta pedagógica y las estrategias formativas de una escuela originada a partir de un movimiento social de base comunitaria, compuesto por estudiantes de una universidad pública. A partir de las percepciones de estudiantes, docentes y egresados de la escuela, el artículo identifica y discute el papel y la potencialidad de la relación de la Universidad con la escuela en la construcción de propuestas educativas que tengan como objeto la transformación de sujetos y sus contextos.

Contribuyendo para repensar el papel de la escuela en la lucha antirracista, el artículo “A urgência do letramento racial e do antirracismo na educação brasileira”, de Júlia Oliveira Moraes discute cómo el racismo estructura desde las políticas educacionales más amplias hasta las prácticas cotidianas en la escuela y en las aulas, demostrando que los conflictos étnicos que atraviesan a la sociedad no son los mismos que sustentan las relaciones y posturas racistas y discriminatorias que se concretizan en los espacios escolares. La autora defiende, finalmente, la urgencia de la literacidad racial como estrategia de enfrentamiento al racismo.

Prosiguiendo con este debate, en el artículo “Juventudes negras de escolas públicas de periferias de Fortaleza: narrativas e re-existência frente ao racismo”, del colectivo de investigadores e investigadoras vinculados/as a la Universidade Federal do Ceará, podemos acompañar procesos de resistencia engendrados por estudiantes de escuelas públicas de la periferia de Fortaleza. Expresiones artísticas y alianzas entre cuerpos negros y periféricos fueron los principales vectores del enfrentamiento a los efectos psicosociales del racismo, siendo este una dimensión de desigualdad que estructura la sociedad brasileña y se hace presente en instituciones sociales como la escuela.

Ya en el texto “La Escuela Karaí Nhe’ê Katu como productora de sentidos para los jóvenes Mbya Guarani, desde las voces del cacique y algunos profesores”, de María Rosa Wetzel, la autora discute la experiencia etnográfica en la escuela de la Aldeia Tekoa Nhundy, poblada por los Mbya Guarani, en el Município de Viamão del Estado de Rio Grande do Sul. El texto aborda la construcción de una escuela pública, indígena y pautada por el interculturalismo. Se da especial atención a la relación de la dirección no indígena con los docentes indígenas y las posibilidades de construcción y transmisión de conocimiento a partir de la cosmovisión de los Mbya Guarani.

Otros textos abordan las políticas de exclusión y de inclusión de la juventud negra e indígena en la educación superior. En “Jóvenes indígenas y educación superior en Querétaro: claves para la inclusión educativa”, José Concepción Valverde realiza entrevistas en profundidad con jóvenes indígenas ñahño del municipio de Tolimán, que persisten en la educación después de la educación secundaria, a fin de verificar cuáles son las dificultades encontradas para el acceso y permanencia en este nivel de enseñanza y las estrategias usadas para contornarlas. El autor hace un llamado al Estado mexicano y a las universidades de su país a construir políticas públicas que auxilien a los jóvenes indígenas en el acceso y frecuencia a la universidad, de modo que se pueda garantizar la permanencia y formación en la enseñanza superior.

El artículo “Ocupação decolonial por estudantes indígenas e quilombolas nas ações afirmativas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira/Ceara”, de Antonio Ailton de Sousa Lima, Francisco Gleidison Lima, Gabriela Silvestre de Castro, Merremii

Karão Jaquaribaras, Davi Jerry Alves Melo, José Freires Nascimento Neto, Ana Maria Eugenio da Silva, Francisca Marleide Nascimento, Lauriane da Castro Nascimento, James Ferreira Moura Júnior., cuya autoría es compuesta, también, por estudiantes indígenas y quilombolas, asume la perspectiva decolonial para una formulación crítica del epistemicidio y del eurocentrismo dominantes en las universidades. El artículo discute, específicamente, las políticas de acciones afirmativas y su papel en la inserción de grupos diversos en la universidad, analiza las trayectorias y experiencias de estudiantes de graduación indígenas y quilombolas de la Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), discutiendo cómo sus trayectorias promueven la “verdadera” toma de la universidad, contribuyendo, así, con el proceso de descolonización de la institución y sus prácticas.

La Sección Temática presentada en esta edición también cuenta con artículos que discuten las expectativas laborales, discriminaciones raciales y de género de las juventudes negras e indígenas. Los autores Miguel de Sousa Lacerda Neto, Sergio Dias Guimarães Junior y Bruno Alves de França utilizan experiencias en la Organização Não Governamental Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) para Reflexionar sobre la experiencia de la educación y trabajo de jóvenes negros y periféricos durante la crisis generada por el COVID-19 “Quando uma ideia nos toma o mundo: reflexões sobre juventude, raça e trabalho no Brasil pandêmico”. La experiencia en la ONG muestra cómo jóvenes negros y periféricos encuentran dificultad para encontrar empleo y cómo deben arreglárselas para poder tener un ingreso para auxiliar en la economía de sus hogares. A falta de políticas públicas por parte del Estado, que en esa época estaba siendo sitiado por la máquina de muerte bolsonarista, los autores señalan que la actuación de la ONG fue fundamental.

El artículo “La migración como expectativa laboral de la juventud afroamericana de la Costa Chica Oaxaqueña”, de autoría de las investigadoras Alejandra López y Belem Díaz, ambas vinculadas a instituciones de investigación en México, aborda la expectativa de trabajo para jóvenes afroamericanos de Costa Chica, México. Desigualdad, racismo y racialización configuran procesos psicosociales que movilizan jóvenes hombres y mujeres para buscar, a través de la migración, mejores oportunidades de vida para sí, sus familiares y amigos. El éxito migratorio es un importante legado generacional capaz de alterar significativamente la trayectoria de vida de la juventud afroamericana.

En la perspectiva de los estudios intergeneracionales, el artículo “Educación, trabajo y maternidad entre mujeres wichí” problematiza la triada escolaridad, trabajo y maternidad entre un grupo de mujeres Wichí. Macarena Ossola, Noelia Di Pietro y Gonzalo Soriano, investigadores vinculados a la Universidad Nacional de Salta, Argentina, abordan las mudanzas y continuidades en las posibilidades de inclusión escolar, inserción laboral y ejercicio de la maternidad considerando la diferencia de edad entre las mujeres participantes de la investigación. Las trayectorias escolares componen el principal vector analítico para el entendimiento de los vínculos entre grupos sociales, generacionales y los escenarios sociales.

Aún en la discusión sobre las cuestiones de género, en “Juventudes indígenas y trabajo: entre intercambios comunitarios y de discriminación racial en las urbes”, Annaliese Hurtado Guzmán realiza una etnografía con jóvenes mujeres triqui de la localidad periférica de Candelaria de los Patos, en la Ciudad de México. Para garantizar su subsistencia material y simbólica, los triqui se organizan de forma que puedan transmitir su trabajo a nivel familiar. Las jóvenes mujeres, foco del trabajo de Guzmán, aprenden a coser ropas y a cocinar comidas típicas que son vendidas en las plazas públicas, llamadas de tianquis. El texto nos habla de las dificultades para la venta, ya que los órganos de seguridad pública frecuentemente expulsan a las jóvenes indígenas de las calles. Se ve como la forma de subsistencia de los triqui se confronta con el ordenamiento urbano pensado a partir de la acumulación capitalista, criminalizando las formas de trabajar de estas jóvenes y generando mayores dificultades en sus vidas.

La Sección Libre de esta edición cuenta con cuatro artículos. El texto “A contribuição do trabalho das crianças para a economia de Catingueira – PB” de Antonio Luiz da Silva, Flávia Ferreira Pires y Herculano Ricardo Campos es el resultado de una etnografía y demuestra como los pequeños trabajos realizados por los niños y niñas, como ir a la escuela o efectuar pequeñas tareas domésticas para auxiliar a los padres, tienen un papel importante para la economía local.

En “Como as crianças avaliam as suas vidas? Um estudo sobre o bem-estar subjetivo”, Paulo Delgado y João Carvalho se sirven de un instrumento de carácter cualitativo para evaluar el bienestar de niños y niñas. En el artículo, los autores centran su argumentación sobre la opinión de los niños y niñas acerca de la escuela, su condición económica, la vida en su país y sus derechos. Los datos demuestran que hay una relación de confianza con los profesores, preocupación con la condición económica de los padres y desconocimiento sobre la Convención Internacional de los Derechos del Niño.

En el artículo “Infâncias violadas e as vulnerabilidades na violência sexual infantil: uma revisão integrativa”, Renata Cristina Alves da Rocha, Caroline Filla Rosaneli, Eliane Freire Rodrigues de Souza De Carli y Mário Antonio Sanches realizan una revisión bibliográfica para trazar el perfil de niños y niñas que sufrieron violencia sexual. Semejante expediente también es realizado en el artículo “Protagonismo feminino no ato infracional: o perfil das adolescentes em uma unidade de medidas socioeducativas de Joinville/SC”, de Silvana Rocha Walz y Luciana Caroline Gerent. Las autoras usan el análisis de los expedientes de jóvenes que cumplen medidas socioeducativas en el referido municipio. Las dos investigaciones tienen como objetivo trazar el perfil de niños, niñas y adolescentes para verificar factores de riesgo y protección que pueden auxiliar en la producción de políticas públicas de carácter protector y preventivo.

La sección Espacio Abierto nos trae las palabras del sociólogo ecuatoriano Carlos René Unda Lara en una mesa redonda, mediada por Carla Daniela Rosales, en el evento X Escuela de Infancias y Juventudes organizada por CLACSO/Red INJU. En ella se aborda el crecimiento de movimientos políticos de extrema derecha, su influencia sobre organizaciones juveniles y sus eventuales derivaciones en lo que compete al futuro de la democracia global.

Finalmente, la edición 34° de DESIDADES cuenta con dos reseñas. La primera de ellas producida por Andrea Szulc y Pía Leavy, llamada “Deconstruir la mirada médica sobre la infancia y su salud” sobre el libro “La crianza en disputa. Medicalización del cuidado infantil en la Argentina entre 1890”, de María Adelaida Colangelo. Ya la segunda tiene como título “Que as palavras de crianças nos acertem: entre curas, memórias, revoltas, denúncias e lutos”, realizada por Érica Atem Gonçalves de Araújo Costa sobre el libro “Infância em territórios de (in)segurança: narrativas compartilhadas com crianças”, organizado por Luciana Martins Quixadá y Jaileila de Araújo Menezes.

Finalizamos la presente edición con el relevamiento bibliográfico que identificó 18 obras publicadas de cuño científico sobre infancia, adolescencia y juventud en el período de agosto a diciembre de 2022, cuyas informaciones pudieron ser obtenidas en los sitios web de sus respectivas editoriales.

Por aquí seguimos en una alegre esperanza de justicia social para todos los niños, niñas y jóvenes de las selvas, de las comunidades tradicionales, de nuestras periferias y del mundo. Reforestar territorios existenciales es verbo de urgencia.

Invitamos a todos y todas a la lectura de los potentes artículos de esta edición.

Felipe Salvador Grisolia

Jaileila de Araújo Menezes

Maria Macarena Ossola

Lúcia Isabel da Conceição Silva

Alcimar Enéas Rocha Trancoso – Brasil, Universidade Federal de Alagoas
Alexandre Adalberto Pereira – Brasil, Universidade Federal do Amapá
Alexandre Farbiarz – Brasil, Universidade Federal Fluminense
Ana Cláudia de Azevedo Peixoto – Brasil, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Ana Cristina Baladelli Silva – Brasil, Universidade de Sorocaba
Ana Cristina Serafim da Silva – Brasil, Universidade Federal do Tocantins
Ana Lila Lejarraga – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Ana Maria Freitas Teixeira – Brasil, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Ana Matus – Argentina, Universidad Nacional del Comahue
Andrea Gabriella Ferrari – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Angelica Dotto Londero – Brasil, Universidade Federal de Santa Maria
Bárbara Nascimento Flores – Brasil, Universidade Estadual de Santa Cruz
Brenda Guedes – Brasil, Universidade Federal de Pernambuco
Carmem Lúcia Sussel Mariano – Brasil, Universidade Federal de Mato Grosso
Carolina Alvarenga – Brasil, Universidade Federal de Lavras
Carolina Ciordia – Argentina, Universidad de Buenos Aires
Carolina Machado Castelli – Brasil, Universidade Federal de Pelotas
Cássia Cristina Furlan – Brasil, Universidade Federal de Grande Dourados
Cássio Knapp – Brasil, Universidade Federal da Grande Dourados
Catia Paranhos Martins – Brasil, Universidade Federal da Grande Dourados
Célia Regina Batista Serrão – Brasil, Universidade Federal de São Paulo
Celina Maria Colino Magalhães – Brasil, Universidade Federal do Pará
Cintia Carvalho – Brasil, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul
Claudia Garcia – Brasil, Pontifícia Universidade Católica (RJ)
Claudia Panizzolo – Brasil, Universidade Federal de São Paulo
Cláudia Pereira Antunes – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Cristiana Carneiro – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Daniela Barsotti Santos – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande
Débora Raquel Alves Barreiro – Brasil, Universidade Estadual do Rio de Janeiro
Denise Tavares – Brasil, Universidade Federal Fluminense
Eliana Campos Pojo – Brasil, Universidade Federal do Pará

Ellen Souza – Brasil, Universidade Federal de São Paulo

Elô Lacerda – Brasil, Pontifícia Universidade Católica (SP)

Erica Garruti – Brasil, Universidade Federal de São Paulo

Érika de Sousa Mendonça – Brasil, Universidade de Pernambuco

Erika Parlato – Brasil, Universidade Federal de Minas Gerais

Fátima Florido Cesar – Brasil, Pontifícia Universidade Católica (SP)

Fernanda Bittencourt Ribeiro – Brasil, Pontifícia Universidade Católica (RS)

Fernanda Sardelich Nascimento – Brasil, Universidade Federal de Pernambuco

Flavio Santiago – Brasil, Instituto Federal Mato Grosso

Gabriela Tebet – Brasil, Universidade Estadual de Campinas

Ilana Katz Zaguri – Brasil, Universidade de São Paulo

Ilka Schapper – Brasil, Universidade Federal de Juiz de Fora

Ivany Pinto do Nascimento – Brasil, Universidade Federal do Pará

Juçara Clemens – Brasil, Universidade Federal de Uberlândia

Juliana Catarine Barbosa da Silva – Brasil, Universidade Federal de Pernambuco

Juliana Prates Santana – Brasil, Universidade Federal da Bahia

Juliana Siqueira de Lara – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Juliane Di Paula Queiroz Odino – Brasil, Faculdade Municipal de Palhoça

Julieta Armella – Argentina, Universidad Nacional de San Martín

Karina Giusti – Brasil, Universidade Federal de Santa Catarina

Kátia Valéria Pereira Gonzaga – Brasil, Logos University International

Latif Antônia Cassab – Brasil, Universidade Estadual do Paraná

Laura Kropff – Argentina, Universidad Nacional de Rio Negro

Leila de Carvalho Mendes – Brasil, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Leila Peters – Brasil, Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina

Lígia Aquino – Brasil, Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Liliana Parra Valencia – Colômbia, Universidad Cooperativa de Colômbia

Lis Melo – Brasil, Centro Universitário Ateneu

Lucélia Moraes Braga Bassalo – Brasil, Universidade do Estado do Pará

Lucia Isabel da Conceição Silva – Brasil, Universidade Federal do Pará

Lucía Mendoza Castillo – México, Universidad Nacional Autónoma de México

Luciana Martins Quixadá – Brasil, Universidade Estadual do Ceará

Lucimar Rosa Dias – Brasil, Universidade Federal do Paraná

Luís Fernando García Álvarez – México, Escuela Nacional de Antropología e Historia, México

Marcelo Ubiali Ferracioli – Brasil, Universidade Estadual de Ponta Grossa

Marcia Aparecida Gobbi – Brasil, Universidade de São Paulo

Márcia Buss Simão – Brasil, Universidade Federal de Santa Catarina

Marcia Stengel – Brasil, Pontifícia Universidade Católica (MG)

Marcos Almeida – Brasil, Universidade Federal do Ceará

Maria Clara Monteiro – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Maria Cristina Gouveia – Brasil, Universidade Federal de Minas Gerais

Maria do Carmo Monteiro Kobayashi – Brasil, Universidade Estadual Paulista

Maria Gláucia Pires Calzavara – Brasil, Universidade Federal de São João del Rei

Maria Lúcia Lima – Brasil, Universidade Federal do Pará

María Macarena Ossola – Argentina, Universidad Nacional de Salta

Maria Malena Lenta – Argentina, Universidad de Buenos Aires

Maria Nazareth de Souza Salutto de Mattos – Brasil, Universidade Federal Fluminense

María Pía Poblete Segú – Chile, Universidad Austral de Chile

Maria Stello – Brasil, Secretaria de Educação da Prefeitura de Jacarei (SP)

Maria Walburga – Brasil, Universidade Federal de São Carlos

Mariana Flores Frantz – Brasil, Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Mariana Paladino – Brasil, Universidade Federal Fluminense

Maudeth Py Braga – Brasil, Universidade Federal Fluminense

Maylla Monnik Rodrigues de Sousa Chaveiro – Brasil, Universidade Federal de Santa Catarina

Milene Maria Xavier Veloso – Brasil, Universidade Federal do Pará

Mylena Pinto Lima – Brasil, Universidade Federal de São Carlos

Nair Azevedo – Brasil, Universidade Federal de Sergipe

Natalia Cidade – Brasil, Pontifícia Universidade Católica (RJ)

Núbia Aparecida Schapper Santos – Brasil, Universidade Federal de Juiz de Fora

Oscar Ramos Mancilla – México, Pesquisador independente

Patrícia Corsino – Brasil, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Pedro Nascimento – Brasil, Universidade Federal da Paraíba

Peterson Rigato da Silva – Brasil, Universidade Estadual Paulista (Rio Claro)

Raquel Correa de Oliveira – Brasil, Espaço-Oficina de Psicanálise (RJ)

Rebeca Fernandes Ferreira Lima – Brasil, Universidade Federal do Espírito Santo

Renata Othon – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Roberta Cristina de Paula – Brasil, Rede Pública Municipal de Campinas - SP

Rodrigo Ednilson de Jesus – Brasil, Universidade Federal de Minas Gerais

Roseane Amorim da Silva – Brasil Universidade Federal de Pernambuco

Sandro Vinícius Sales dos Santos – Brasil, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Sônia André – Brasil, Universidade Federal do Pará

Stella Maris García – Argentina, Universidad Nacional de La Plata

Suzana Libardi – Brasil, Universidade Federal de Alagoas

Tacinara Queiroz – Brasil, Universidade Federal de Mato Grosso

Tatiele Jacques Bossi – Brasil, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Thinayna Máximo – Brasil, Universidade Federal do Ceará

Vânia Araújo – Brasil, Universidade Federal do Espírito Santo

Vera Maria Ramos de Vasconcellos – Brasil, Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Viviane Fernandes Faria Pinto – Brasil, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

Walcea Barreto Alves – Brasil, Universidade Federal Fluminense

Waldir Ferreira de Abreu – Brasil, Universidade Federal do Pará

Yasmani Santana Colin – México, Universidad Nacional Autónoma de México